



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Educação e Ciências Humanas
Departamento de Filosofia

Giovanna Tiemy Balduino
RA:501190

Adolescência: um olhar psicanalítico

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de São Carlos para a
obtenção do título de Graduação - Licenciatura
em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Eduardo Marques
Baioni

São Carlos, SP

2022

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo principal explicar os comportamentos característicos da fase da adolescência, visando entender por que eles acontecem e qual sua origem. Para isso, vamos tratar o assunto à luz de alguns conceitos psicanalíticos de Sigmund Freud com o objetivo de esclarecer essa fase do desenvolvimento psicossocial e sexual, desde o nascimento, passando pelo complexo de Édipo e de sua revalidação na puberdade. O texto explora ainda um ponto de vista elaborado por Anna Freud acerca dos mecanismos de defesa utilizados pelos adolescentes ao lidar com o abandono do amor dos pais.

Palavras-chave: adolescência, puberdade, sexualidade infantil, complexo de Édipo, psicanálise.

Abstract

This undergraduate final paper has as main objective to explain the characteristic behaviors of the adolescence phase, aiming to understand why they happen and what their origin is. Therefore, we will approach the theme according to some of Sigmund Freud's psychoanalytic concepts with the objective of clarifying this phase of psychosocial and sexual development, from birth, through the Oedipus complex and its revalidation at puberty. The text also explores a point of view elaborated by Anna Freud about the defense mechanisms used by adolescents when dealing with the abandonment of their parents' love.

Key-words: *adolescence, puberty, child sexuality, Oedipus complex, psychoanalysis.*

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Resumo | 3 |
| <i>Abstract</i> | 4 |
| | |
| Introdução | 5 |
| 1. Sexualidade Infantil | 9 |
| 1.1. Autoerotismo | 11 |
| 1.2. As Duas Tópicas | 18 |
| 1.3. O Período de Latência | 22 |
| 2. Complexo de Édipo e Puberdade | 26 |
| 3. Mecanismo de Defesa do Adolescente | 37 |
| 4. Conclusão | 42 |
| Referências Bibliográficas | 44 |

Introdução

A adolescência é uma fase da vida dos indivíduos situada entre a infância e a vida adulta, conhecida biologicamente por ser cheia de mudanças fisiológicas e corporais, e que tem sido observada pela psicologia e pela psicanálise apenas mais de perto recentemente. Calligaris diz que o início da adolescência tem relação direta com as mudanças fisiológicas da puberdade, podendo até começar um pouco antes, segundo alguns pesquisadores, pois há um comportamento típico dessa idade que antecede as mudanças fisiológicas de uma adolescência precoce, ou um ano depois, quando essas mudanças já foram bem estabelecidas. Para o autor, independentemente dessas mudanças fisiológicas, a questão da adolescência é na verdade a imagem que o adolescente faz de si, e como ele se sente preso entre a infância e a vida adulta.

Entre a criança que se foi e o adulto que ainda não chega, o espelho do adolescente é frequentemente vazio. Podemos entender então como essa época da vida possa ser campeã em fragilidade de autoestima, depressão e tentativas de suicídio (CALLIGARIS, 2000, p. 25)¹.

Ainda segundo o autor, desde o nascimento, o indivíduo olha sempre para os próprios pais, adorando-os, seguindo seus exemplos, buscando muitas vezes tornarem-se adultos como eles. Eles são os primeiros adultos com quem as pessoas se relacionam, de modo que as formas como essa relação é estabelecida serão responsáveis por qualquer outra relação que o indivíduo estabelecerá na sua vida. Ao chegar à adolescência, no entanto, percebe-se que os pais não os olham mais do mesmo jeito, mas também não sentem que são vistos já como adultos e, por isso, ficam perdidos quanto à sua identidade. Para que seja possível realmente entrar nessa fase de transição que nos prepara para a fase adulta, precisamos desvencilharmo-nos da dependência que temos deles, mas isso não significa que estaremos livres do modo como essa relação foi estabelecida, pois “estarmos livres” dos pais pode parecer libertador a princípio, se observada de longe, porém a levamos conosco para sempre.

¹ Desta maneira, a distinção entre as fases não é uma questão teórica apenas, mas uma questão “existencial” daqueles que se encontram nessa fase de transição.

A *adolescência* é entendida hoje como a fase entre a infância e a vida adulta, geralmente caracterizada pela idade em que se encontram as pessoas, quanto a *puberdade* é caracterizada pela maturação dos órgãos sexuais acompanhada da mudança tanto física quanto mental que essa maturação traz. Diferentemente da adolescência em que se considera apenas a idade, a puberdade é marcada pelo desenvolvimento hormonal e biológico e por isso pode começar junto com a adolescência ou não, mas geralmente faz parte dela. Nossa hipótese de trabalho, portanto, é examinar como adolescência e puberdade foram tratadas à luz da psicanálise, com o intento de esclarecer os aspectos mais profundos dessa fase e comportamentos.

Nossos adolescentes amam, estudam, brigam, trabalham. Batalham com seus corpos, que se esticam e se transformam. Lidam com as dificuldades de crescer no quadro complicado da família moderna. Como se diz hoje, eles procuram e eventualmente se acham. Mas, além disso, eles precisam lutar com a adolescência, que é a criatura um pouco monstruosa, sustentada pela imaginação de todos, adolescentes e pais. (...) Objeto de inveja e de medo, ela dá aos sonhos de liberdade ou de evasão dos adultos e, ao mesmo tempo, a seus pesadelos de violência e desordem. (CALLIGARIS, 2000, p. 9).

Sigmund Freud (1856-1939), o fundador da psicanálise, elaborou uma teoria sobre a infância e a puberdade observando que algumas patologias que eram diagnosticadas na vida adulta tinham origem na infância. A puberdade é entendida pelo autor como a fase de transição entre o período de latência e a fase genital; nas suas palavras, é quando a vida sexual infantil começa a voltar-se para a vida sexual adulta, definitiva e normal, conceitos estes que serão melhor explicados à frente. Entender a puberdade através da psicanálise é importante pois essa fase de transição tende a ser bastante confusa e desafiadora tanto para quem a vivencia quanto para aqueles que tem que se relacionar com indivíduos adolescentes.

Freud nos esclarece muito sobre a puberdade em muitas das suas obras, assim como Anna Freud (1895 - 1982), que nos traz uma diferente perspectiva sobre alguns dos comportamentos característicos dessa fase. Pode-se a partir da leitura de suas obras compreender melhor o porquê do comportamento do

adolescente, assim como entender a vida adulta quando algum comportamento foi originado na infância ou na puberdade. Do ponto de vista da psicanálise freudiana, ainda que se tenha como substrato o corpo e a modificação hormonal, o desenvolvimento psíquico baseia-se no corpo erógeno. O corpo erógeno pode ser entendido como o corpo que foi afetado pela libido, é um lugar onde somático e psíquico se encontram. É este corpo que se depara com as dificuldades da excitação sexual e do incremento libidinal na adolescência, que por sua vez é predominantemente genital. É certo que o amadurecimento fisiológico, que tem como consequência esse incremento hormonal, permite que o desenrolar da fase genital se complete. Mas o corpo erógeno que abarca as fantasias incestuosas e o modo de relação que se estabelece com os pais, portadores de outros corpos erógenos, sofre uma verdadeira reviravolta como veremos a seguir quando tratarmos sobre o complexo de Édipo.

Para se compreender a *puberdade*, deve-se partir do estudo do desenvolvimento infantil elaborado por Freud, para quem a fase da adolescência pode ressignificar alguns componentes que fizeram parte da infância. Na puberdade, o complexo de Édipo passa por uma ressignificação, e para que o indivíduo chegue à fase adulta, é preciso que ele supere isso novamente, de maneira que haverá uma segunda e definitiva fase de formação do aparelho psíquico individual. Segundo as palavras de Freud, eis em resumo o que acontece na puberdade:

Por fim, entendemos que a escolha de objeto é dirigida pela inclinação sexual, insinuada na infância e reavivada na puberdade, da criança pelos pais e pessoas que dela cuidam, e é desviada dessas pessoas - para outras que a elas se assemelham - pela barreira contra o incesto erguida nesse meio tempo. Acrescentemos, enfim, que durante a transição da puberdade os processos de desenvolvimento somáticos e psíquicos seguem por algum tempo sem ligação entre si, até que a irrupção de um forte impulso psíquico amoroso, levando à inervação dos genitais, produz a unidade normalmente requerida da função amorosa. (FREUD, S. *Três ensaios*, 1905, p. 160).

Entendemos, com base na citação acima, que para Freud todos os processos psíquicos, mesmo aqueles que forem concluídos apenas na puberdade, tiveram seu início da infância. Assim, se pode compreender a

importância do estudo do desenvolvimento sexual infantil até a adolescência. Daí a necessidade de se compreender também a dificuldade do rompimento com os pais está diretamente ligada à superação do complexo de Édipo e mesmo quando a superação ocorre de maneira eficaz, ela pode deixar resquícios que serão carregados no inconsciente durante toda a vida adulta. Muitas mudanças, e aqui trataremos principalmente das psíquicas, acontecem nessa fase, de modo que a filósofa e psicanalista Anna Freud explica, em sua obra *O Ego e os Mecanismos de Defesa*, de 1936:

Há muito tempo que os fenômenos psíquicos que assinalam o advento da maturidade sexual vêm sendo matéria de estudo psicológico. Nos escritos não-analíticos, encontramos muitas descrições impressionantes das mudanças que ocorrem no caráter durante esses anos, das perturbações no equilíbrio psíquico e, sobretudo, das incompreensíveis e irreconciliáveis contradições então evidentes na vida psíquica. (FREUD, Anna. *O Ego e os Mecanismos de Defesa*, 1968, p. 99).

Para a autora, ao ter de lidar com este rompimento, a psique dos adolescentes ergue alguns mecanismos de defesa, que muito se parecem com os de casos de paciente psicóticos, mas que em sua maioria são passageiros e característicos da idade; todavia não são em todas as situações completamente superados.

1. Sexualidade Infantil

Quando se busca o entendimento do que é a adolescência, deve-se levar em consideração algumas fases muito importantes da formação psíquica do ser humano, fases essas que, quando não assimiladas, podem dificultar muito a compreensão do que é a adolescência para o fundador da psicanálise. Com sua teoria inovadora e um tanto quanto chocante para sua época, Freud discorre sobre como a vida sexual do ser humano começa desde muito cedo, mais precisamente, desde o nascimento.

É necessário entender aqui que Freud expôs a sexualidade infantil não apenas como sexual, o ato em si, ou o prazer do órgão, ou mesmo o seu sentido reprodutivo. Para ele, deve se entender como sexuais “atividades prazerosas e indeterminadas da primeiríssima infância” (FREUD, S. *Três Ensaios*, 1905, p. 431). Para que haja um melhor entendimento dos conceitos freudianos, principalmente desses relacionados com a sexualidade infantil, é preciso entender o que são zonas erógenas: elas estão relacionadas com alguma necessidade básica como o de se alimentar e de defecar, portanto, a boca e o ânus. Quando essas necessidades são realizadas, tem-se a sensação de prazer, de satisfação nessa zona. Logo, surge a necessidade de reviver essa sensação, mas agora independentemente da necessidade de onde ela se originou. De acordo com Luiz Roberto Monzani, a sexualidade infantil é um estado em que as zonas erógenas, em contato com as mais diferentes pulsões, estimulam-se e desenvolvem-se, independentes umas das outras, de forma que essas pulsões se estabelecem em certas zonas, propiciando para a criança “um fluxo constante de prazer” (MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*, 1989, p. 30). Ele nos chama atenção para o fato de que, ao se buscar compreender qual era o sentido da palavra sexualidade no século XIX, isto é, um instinto totalmente voltado apenas para a reprodução e que qualquer finalidade diferente dessa era vista como “errada”, e ainda levando em consideração que essa era a explicação da psiquiatria clássica, há motivos que nos ajudam a entender o espanto dos estudiosos quando Freud discorreu sobre uma sexualidade infantil. Por isso mesmo, Monzani nos explica que o primeiro dos *Três Ensaios* (1905) é uma desmontagem desse conceito tradicional.

Alguém poderá nos dizer: 'Por que o senhor insiste em chamar de sexualidade o que de acordo com seu próprio testemunho são manifestações indeterminadas da infância, as quais apenas mais tarde se tornam sexuais? Por que não se contentar com a descrição fisiológica e dizer simplesmente que, no lactente, já observamos atividades como o sugar ou a retenção de excrementos, as quais nos mostram que ele busca o prazer do órgão? Desse modo, o senhor teria evitado a postulação ofensiva a todo sentimento, de uma vida sexual até mesmo para a criança mais pequenina. (FREUD, S. *Conferências Introdutórias à Psicanálise*, 1916-1917, p. 429).

Quando Freud separa os conceitos de sexual e genital, ele opera uma ressignificação no sentido mesmo com que essas palavras eram conhecidas. Segundo o autor, por não partirem dos órgãos genitais, ficaria mais difícil de entender o que seria o sexual, mas mesmo não havendo relação com os órgãos, isso não significava que não há satisfação nem prazer sexuais. Chamar de ofensivo ou ignorar que há uma sexualidade infantil de nada adiantaria, e em nada ajudaria o entendimento de psicopatologias futuras que são originárias dessa fase infantil, pois mesmo nessa fase se observa que as crianças têm desejos, vontades e pulsões, e ao sentir-se satisfeito diante da realização desses, visto que desde essa fase infantil já temos prazer. Para Freud, um indivíduo nunca se livra completamente daquilo que é o sexual originário, portanto, apenas quando entende o que ocorre nessa fase é que seria possível a compreensão de qualquer patologia psíquica que possa aparecer posteriormente.

Freud define a palavra *pulsão* em várias das suas obras, e podemos entendê-la como o “representante psíquico das forças endossomáticas” (FREUD, S. *Três Ensaio*s, 1905, p. 66), isto é, uma excitação, originária do organismo (de nosso corpo), que alcança a mente, e flui continuamente. Diferentemente da palavra *estímulo* que se refere a algo pontual que acontece isoladamente e vem de fontes externas, a pulsão é o limite entre o psíquico e o físico. A origem da pulsão é um processo excitatório, ou como Freud nos explica em *Pulsão e seus destinos* (1915), é uma necessidade ou carência, e seu objetivo imediato é a eliminação dessa excitação, ou a sua supressão, que só ocorre quando há a satisfação. Essa excitação ocorre em lugares do corpo

chamados de zonas erógenas, que são “uma parte da pele ou da mucosa em que estímulos de determinada espécie provocam uma sensação de prazer de certa qualidade” (FREUD, S. *Três Ensaíos*, 1905, p. 87). Logo, deve-se entender que, apesar das zonas erógenas dizerem respeito a partes do corpo, elas terão interação com o psiquismo através das pulsões. Essas zonas erógenas podem nos propiciar o mesmo prazer de um prazer sexual, podendo ser assim referida a qualquer parte do corpo.

Os desejos, vontades e pulsões primitivas, que buscam pela satisfação estão localizados no *Id*, sendo este composto por processos inconscientes. A *libido* é a força com que essas pulsões se manifestam e é análoga à fome. Segundo Freud, assim que um indivíduo nasce, essa satisfação aparenta ter relação apenas com a saciedade da fome e, de fato, ela se apoia nesta função. No entanto, pode-se perceber que esse não é o único momento em que o lactente suga algo. Quando um bebê não está se alimentando através do sugar do peito da mãe, mas sugando o próprio dedo, usando a língua, está buscando também uma forma de obtenção de prazer. Nesta primeira fase, o bebê encontra uma maneira, a partir de seu próprio corpo, de se propiciar prazer através do sugar, motivo pelo qual chamamos essa fase de oral. Nas palavras de R. Mezan:

A produção do prazer vincula-se inicialmente ao exercício de uma função biológica fundamental, a alimentação; ela se apoia nesta função, mas em seguida se torna autônoma e passa a ser procurada independentemente dela. É no momento em que o prazer sentido da sucção do seio ou da mamadeira se desliga do ato de mamar que nasce a função sexual propriamente dita. (MEZAN, R. *Freud: a trama dos conceitos*, 1991, p.132).

1.1. Autoerotismo

Antes do início do estudo das fases do desenvolvimento infantil, deve-se entender que Freud divide essas fases de forma conceitual precisa, visando principalmente uma melhor compreensão delas, mas deve-se entender que há sempre um período de transição que ocorre gradualmente entre as fases, que

se estendem ao mesmo tempo que a outra já começou, assim, o indivíduo carrega a fase sádico-anal, a fase oral e, antes mesmo de sair dessa fase autoerótica, já dá indícios de vivenciar uma nova fase centrada no interesse exterior a si próprio. Freud nos explica essa mudança gradual, e não abrupta nas fases:

(...) na realidade não se efetua de uma só vez e simultaneamente em todos os pontos. Pois enquanto ocorre esse desenvolvimento nos instintos do Eu, os instintos sexuais se destacam deles de modo significativo. Os instintos sexuais se comportam a princípio autoeroticamente; acham satisfação no próprio corpo e por isso não chegam à situação de frustração que levou ao estabelecimento do princípio da realidade. E, quando mais tarde começa neles o processo de busca do objeto, ele experimenta logo uma demorada interrupção no período de latência, que retarda o desenvolvimento sexual até a puberdade. Esses dois fatores — autoerotismo e período de latência — têm por consequência que o instinto sexual é detido em seu desenvolvimento psíquico e permanece muito mais tempo sob o domínio do princípio do prazer, ao qual em muitas pessoas não consegue jamais se subtrair. (FREUD, S. *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*, 1911, p. 85)².

De acordo com a teoria freudiana da sexualidade infantil, a libido ainda não busca o *objeto*, está apenas querendo uma forma de satisfação, e por conseguir o prazer sem a necessidade de um objeto exterior, isto é, por ainda não ver o outro como um objeto de amor, nessas primeiras fases da vida psíquica são chamadas de autoeróticas ou pré-genitais.

No ato de sugar, o componente erótico que é igualmente satisfeito se faz autônomo, abandona o objeto exterior e o substitui por um local no próprio corpo. O instinto oral se torna autoerótico, como autoeróticos são, desde o início, os instintos anais e os demais instintos erógenos. (FREUD, S. *Conferências Introdutórias à psicanálise*, Conferência XXI, 1916/17, p. 437).

² Neste trabalho, o termo alemão *Ich* está traduzido por “eu” nas citações dos textos de Freud. Porém, por vezes ele é vertido no corpo do texto por *ego*, para ser fiel ao termo empregado nos títulos dos escritos freudianos da Edição Standard brasileira de suas Obras Completas. Além disso, mantivemos esse último termo nas citações da obra de Anna Freud, acima referida (cf. p. 8).

Segundo Freud, em sua obra *Introdução ao narcisismo* (1914), o investimento livre pode atingir diretamente o *eu* ou o *objeto*. Quando o desejo sexual é investido em si mesmo, é chamado desejo auto-sexual ou desejo sexual narcísico. Ao investir em um objeto, ele é chamado de desejo sexual do objeto. Para ele, o estágio da infância antes da autoformação era caracterizado pela ausência de qualquer relação objetiva. Nesse primeiro estágio, considerado objetivo, quando o bebê satisfaz parte de sua força motriz por meio da área de desejo sexual correspondente, todo o seu investimento em libido será feito em seu próprio corpo. Freud chama esse estado de *narcisismo*.

No entanto, o principal narcisismo só pode ser mantido pelo amor dos pais. Nesse sentido, Freud lembrou como os pais mantinham todos os seus sonhos, ilusões de perfeição em seus filhos, mesmo ignorando “aquisições culturais que seu próprio narcisismo foi forçado a respeitar, e a renovar em nome dela as reivindicações aos privilégios de há muito por eles próprios abandonados”. (FREUD, S. *Introdução ao narcisismo*, 1914, p. 108). Portanto, de acordo com os desejos dos pais, a criança não sofreria perdas ou sofrimentos.

O narcisismo primário é o legado dos ideais de narcisismo dos pais. Os filhos serão usados como substitutos do que seus pais perderam em suas próprias vidas. Ele é responsável por restaurar todos os privilégios a que os pais foram forçados a renunciar e, assim, a ela caberá realizar os sonhos e planos paternos fracassados. Esse é o lugar onde os pais costumam colocar seus filhos, e Freud o chamou de “Sua Majestade, o Bebê”.

Por causa dessa relação, o primeiro objeto de personalidade que a criança escolhe vem de sua primeira experiência de satisfação, geralmente, da experiência de conviver com quem cuida dela, sua mãe ou uma substituta. Freud chamou esse tipo de seleção de fonte e objeto de anaclítico, ou melhor, de objeto "suporte". No entanto, também observou que, caso esse desenvolvimento libidinal não ocorra de modo satisfatório, poderia ocorrer do sujeito não se servir da imagem da mãe como exemplo para escolher o objeto de amor de sua vida, mas considerar a si mesmo como um objeto de amor: uma escolha objetual narcisista.

Essa condição perfeita e completa não irá durar por muito tempo, pois será interrompido pelo sofrimento da criança, visto que esta virá a perceber que

seus pais têm outras demandas, como o trabalho e outros afazeres, além de outras pessoas para atender.

Portanto, é dessa maneira que a criança entra no segundo estágio do narcisismo, que Freud chama de narcisismo secundário, porque ele se configura durante o processo de identificação com a imagem dos pais ou de seu representante.

Geralmente, as principais características narcísicas ou narcísicas secundárias constituirão na criação gradualmente uma personalidade e acompanharão o indivíduo durante toda a sua sobrevivência. A criança se reconhece do livre olhar amoroso da mãe e se sente amada. A partir de então, todas as suas escolhas e realizações da vida afetiva, sexual e emocional serão baseadas no período em que cada um poderá desenvolver amor por si mesmo.

Em relação à escolha dos objetos, Freud argumentou, na mesma obra, que existem dois tipos de modelos: modelos anaclítico e modelos narcísicos. O primeiro deles, também conhecido como pessoa de contato, a criança toma a mãe como exemplo de *objeto*, porque a mãe ou a pessoa que a substitui é seu primeiro objeto de amor. Afirma ainda que esse amor está diretamente relacionado à satisfação de suas necessidades básicas. Ele chamou o outro modelo de escolha de objetos de narcísico, pois nele a criança se considerava a si mesma um objeto de amor. Geralmente, na fase infantil, essas duas opções de objetos estão presentes em todas as pessoas, embora em graus diferentes. Ademais, o autor assevera que uma pessoa originalmente tem dois objetos sexuais – ela própria e a mulher que cuida dela – isso pode ser compreendido pois se assume, de maneira geral, que todas as pessoas carregam o narcisismo e, em alguns casos, optam mais por um objeto do que pelo outro, isto é, pela opção narcísica ou, como Freud mesmo chama, objeto de apoio.

Mas não concluímos que as pessoas se dividem em dois grupos bem diferentes, conforme sua escolha de objeto obedeça ao tipo narcísico ou ao “de apoio”. Preferimos supor, isto sim, que para cada pessoa ficam abertos ambos os caminhos da escolha de objeto, sendo que um ou outro pode ter a preferência. Dizemos que o ser humano tem originalmente dois objetos sexuais: ele próprio e a mulher que o cria, e nisso pressupomos o narcisismo primário de todo indivíduo, que eventualmente pode se expressar de maneira dominante em sua escolha de objeto. (FREUD, S. *Introdução ao narcisismo*, 1914, p. 22).

Quanto às realizações pessoais da criança nessa fase, elas baseiam-se nos ideais próprios dela estabelecidos pela identidade dos pais, que fazem com que o surgimento do narcisismo secundário substitua o primeiro período de amor da criança. Depois disso, o ego idealizado se tornará objeto de livre investimento libidinal, que guiará o desenvolvimento e o fortalecimento do ego.

No desenvolvimento sexual infantil, de acordo com Freud, verifica-se também a fase sádico-anal, que corresponde àquela em que a criança percebe que esvaziar sua bexiga e o intestino também lhe causam prazer. Freud menciona, na terceira parte das *Conferências Introdutórias XXI* (1917), chamada “O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais”, que nesse momento a criança ainda tem um apreço pelas fezes e sente como se fosse parte dela; portanto, há satisfação no ato da evacuação. Não apenas no ato de evacuar, mas também no fato de reter as fezes, havendo, na verdade uma satisfação no controle. A criança não demora muito a aprender que não pode evacuar a qualquer hora, pois há um momento certo para isso, momento esse que é definido por outras pessoas que não ela, por isso a importância do autocontrole. A criança percebe que não tem total controle sobre quando pode se dar essa satisfação, que deveria pertencer somente a ele, de forma que, pela primeira vez, o mundo exterior a si aparece de forma hostil, como inibidor de prazer. Visto de outra maneira, quando essa evacuação é feita de forma adequada, os pais o congratulam, fazem festa e o elogiam; isso faz com que ela sinta prazer, de forma que ela passa a entender que, ao ter controle sobre quando evacua e urina, ela passa também a ter controle sobre as suas relações com seus pais, familiares e pessoas que o rodeiam, e assim ela começa a entender que “deve trocar prazer por dignidade social” (FREUD, S. *Conferências Introdutórias à Psicanálise*, 1917, p. 418). Essa citação de Freud nos é bem esclarecida por Anna Freud em sua obra *O Ego e os Mecanismos de Defesa*, (1936), quando discorre sobre o ascetismo na adolescência. Para a autora, o indivíduo cria para si mesmo uma série de proibições, muitas vezes nocivas, com o intuito de manter suas pulsões sobre controle. Isso será melhor explicado mais adiante (cf. seção 3). Podemos perceber aqui como, embora essa fase do desenvolvimento sexual infantil ainda seja considerada autoerótica, começa a existir na criança uma preocupação com o outro, com um objeto exterior a si mesmo.

Ainda nessa fase pré-genital, a criança consegue obter prazer através de várias áreas erógenas, podendo elas serem a boca, o ânus ou outras partes do corpo. Freud observa que na criança há uma vida sexual bastante confusa, exatamente por ser caracterizada por essas atividades parciais em busca do prazer. Há estímulos que pulsam de vários lugares do corpo, uma desorganização das áreas que oferecem prazer, e sem relação entre si, como pode ser observado na citação a seguir, quando o autor chama a organização da sexualidade nessa fase de transição de “frouxa”:

Podemos agora, portanto, indicar como se configura a vida sexual da criança antes do estabelecimento do primado dos genitais, primado este cuja preparação acontece na primeira época da infância, anteriormente ao período de latência, e que se organiza continuamente a partir da puberdade. Nesses primeiros tempos, vigora uma espécie de organização frouxa, a que chamaremos de pré-genital” (FREUD, S. *Conferências Introdutórias à psicanálise*, 1917, p. 434).

Freud chama essa primeira fase até mesmo de “anarquia”, pois a função da libido está em desenvolvimento e não aparece de forma pronta. Pulsões parciais buscam o prazer, mas estão desconexas umas das outras e sem dependência de uma para com a outra. Ele ressalta que as excitações partem de várias fontes e não se conversam, todas estão apenas procurando um objetivo isolado, que é a obtenção de prazer. A preparação para a fase genital exige que haja uma série de fases contínuas e completamente diferentes entre si.

A partir dos três anos de idade, a criança começa a entender que há dois sexos, o feminino e o masculino, e também a perceber manifestações e comportamentos psíquicos e sociais, isto é, a criança começa a ter um alguém preferido, passa a ter ciúme e, assim, começa a ter um objeto de amor que não é ele mesmo. Mais do que isso, os impulsos autoeróticos não se bastam e começa a haver um desconforto em mantê-los. Esse desconforto atinge um nível insuportável, não só por não se bastarem em si. Freud enfatiza que há nessa fase de transição uma desorganização sexual, áreas erógenas espalhadas pelo corpo, de modo que passa a haver a necessidade da unificação de todas essas

pulsões em apenas um objeto e isso só é possível se esse objeto for exterior a si mesmo.

O desenvolvimento ulterior possui dois objetivos, para dizê-lo da forma mais concisa possível: em primeiro lugar, abandonar o autoerotismo, trocar novamente o objeto do próprio corpo por um objeto exterior; em segundo lugar, unificar os diversos objetos dos instintos, substituindo-os por um único objeto. Isso, é claro, só é possível se esse objeto único for um corpo em sua totalidade, semelhante ao corpo do próprio indivíduo. Além disso, esse desenvolvimento não pode se dar sem que certo número de impulsos instintuais autoeróticos sejam considerados inúteis e, portanto, abandonados. (FREUD, S. *Conferências Introdutórias à psicanálise*, 1916-1917, p. 437).

De acordo com Freud, doravante haverá uma busca pelo objeto exterior a si mesmo; lembremos que o primeiro objeto de investimento libidinal da criança é, dentre todos, o seio materno; se pode então compreender por que a criança começa a entender porque esse objeto exterior desejado é a mãe. Há uma confluência de toda a libido que doravante é direcionada para ela. Ao mesmo tempo que há essa escolha de objeto, a criança percebe que não pode ter a mãe, que apesar de ser sua mãe, ela não é apenas sua, que ela é dividida também com seu pai, com terceiros, e que não há uma forma de possuir a mãe inteiramente para si mesmo. Assim, o objeto escolhido, que é sempre a própria mãe, fica interdito para a criança, e ela tem que reprimir toda essa energia libidinal, de modo que essa representação do objeto escolhido seja enviada para o inconsciente. Aqui está a origem da repressão primordial, que é exatamente quando o inconsciente começa a se constituir, e após essa primeira repressão, para que essa pulsão seja reprimida, ela é enviada para o inconsciente.

Aqui podemos perceber um outro aspecto desse momento, em que o indivíduo troca prazer por dignidade social, conforme mencionado por Freud na passagem acima citada, pois o que é prazer para o inconsciente não é necessariamente prazer para o consciente; assim, o que é desagradável para o consciente é mandado para o inconsciente. Caracterizada também pela pesquisa freudiana sobre a sexualidade infantil, isto é, pela busca do entendimento das diferenças sexuais no decorrer do desenvolvimento da criança, essa fase foi designada como edípica. Para Freud, carregamos essa

fase pelo resto de nossas vidas, e muito da nossa vida psíquica tem relação com o quão bem lidamos ou não com o nosso complexo de Édipo. Falaremos melhor dele mais para frente (cf. seção 2); por ora é importante entender que essa fase marca o primeiro tempo da organização genital, o que é de grande importância para a formação do aparelho psíquico adulto.

1.2. As Duas Tópicas

Antes de passarmos para a próxima fase do desenvolvimento infantil, devemos entender um movimento que aconteceu na teoria freudiana da sexualidade, na qual o autor vienense em princípio explicava o funcionamento psíquico através daquilo que é chamado pelos intérpretes de *primeira tópica*³, usando conceitos como o inconsciente (*Ics*), pré-consciente (*Pcs*) e consciente (*Cs*), e passa a usar a *segunda tópica* quando explica sobre o ego, o *Id* e o superego. Para Monzani, muitos teóricos da psicanálise têm diferentes compreensões dos motivos e razões dessa mudança da primeira tópica para a segunda: a) para alguns a primeira tópica trazia alguns problemas de difícil solução; assim, e por serem completamente incompatíveis entre si, deve-se desconsiderar a primeira e passar a considerar apenas a segunda, pois essa é superior à outra; b) para outros, ambas devem continuar sendo levadas em consideração, pois uma completa a outra. Segundo Monzani, há ainda uma terceira linha de interpretação que compreende que, apesar de serem completamente distintas, ambas devem ser consideradas para explicar diferentes aspectos psíquicos:

Seguramente, sob vários aspectos, a segunda tópica é superior à primeira, no sentido sobretudo em que aquela elimina certas contradições que habitam esta última há um bom tempo. Nossas dúvidas surgem quando se propõe um expurgo total da primeira tópica.

³ O conceito de *tópica* é assim definido por LAPLANCHE – PONTALIS, *Dicionário de psicanálise* (2004, p. 505): “Teoria ou ponto de vista que supõe uma diferenciação do aparelho psíquico em certo número de sistemas dotados e características ou funções diferentes e dispostos numa certa ordem uns em relação aos outros, o que permite considerá-los metaforicamente como lugares psíquicos de que podemos fornecer uma representação figurada espacialmente”.

Talvez, neste caso, surjam problemas simétricos e inversos àqueles que atravessavam a primeira tópica. A questão que surge é a de se tentar saber se elas são realmente incompatíveis ou se podem se harmonizar ou, pelo menos, tendem a isso. Nesse último caso, poderíamos vislumbrar a possibilidade de escapar aos escolhos que ambas apresentam quando tomadas isoladamente. Nos últimos textos, ao que tudo indica, Freud enveredou nitidamente nesta última direção. O que não deixa de constituir um indicador precioso. (MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*, 1989, pp. 236-237).

Em um primeiro momento de suas obras, Freud discorre sobre o inconsciente e sobre como ele age tanto sobre a nossa própria consciência quanto sobre como ele age nas reações físicas adversas que ocorrem nos agentes ou pessoas. Sobre o que está consciente para os indivíduos, o autor explica que não é algo permanente, ou mesmo constante, mas sim imediato, isto é, algum acontecimento recém acontecido. No entanto, esse conteúdo pode voltar à consciência pois logo após algo acontecer, ele fica guardado, salvo no inconsciente, de forma que não fica aparente, mas não deixaria de existir como algo em potencial para a consciência. Dessa maneira, podemos dizer que ele estava inconsciente, visto que, de fato, assim estava.

“Estar consciente” é, em primeiro lugar, uma expressão puramente descritiva, que invoca a percepção imediata e segura. A experiência nos mostra, em seguida, que um elemento psíquico — por exemplo, uma ideia — normalmente não é consciente de forma duradoura. É típico, isto sim, que o estado de consciência passe com rapidez; uma ideia agora consciente não o é mais no instante seguinte, mas pode voltar a sê-lo em determinadas condições fáceis de se produzirem. Nesse intervalo ela era ou estava — não sabemos o quê. Podemos dizer que era *latente*, com isso querendo dizer que a todo momento era *capaz de tornar-se consciente*. Ou, se dissermos que era *inconsciente*, também forneceremos uma descrição correta. Este “inconsciente” coincide com “latente, capaz de consciência. (FREUD, S. *O Ego e o Id*, 1923, pp. 11-12).

Contudo, não são esses processos psíquicos inconscientes que podem se tornar conscientes que interessam ao autor neste momento, mas sim aqueles processos, ideias ou conteúdos que não conseguem vir a ser conscientes, pois

algo os impede de vir à consciência. Às ideias que foram impedidas de se tornarem conscientes, Freud chamou de *ideias reprimidas*, pois representavam algum risco à psique de forma que houve um trabalho psíquico para que elas sofressem essa repressão. Podemos entender então, de acordo com a primeira tópica, que o que é inconsciente pode ser dividido em dois tipos: a) aquilo que pode retornar à consciência, e b) aquilo que sofre um impedimento de se tornar consciente. Ao primeiro, Freud dá o nome de pré-consciente, e ao segundo, de inconsciente, como podemos ver na passagem a seguir:

Portanto, adquirimos nosso conceito de inconsciente a partir da teoria da repressão. O reprimido é, para nós, o protótipo do que é inconsciente. Mas vemos que possuímos dois tipos de inconsciente: o que é latente, mas capaz de consciência, e o reprimido, que em si e sem dificuldades não é capaz de consciência. Esta nossa visão da dinâmica psíquica não pode deixar de influir na terminologia e na descrição. Ao que é latente, tão só descritivamente inconsciente, e não no sentido dinâmico, chamamos de *pré-consciente*; o termo *inconsciente* limitamos ao reprimido dinamicamente inconsciente (...). (FREUD, S. *O Ego e o Id*, 1923, p. 13).

Considerando então estes três termos da primeira tópica, temos a organização dos processos psíquicos conscientes em um indivíduo, e o que foi chamado por Freud de Ego, ao qual se liga a consciência e é através dele que se dá a descarga motora das excitações. É o Ego que controla o que é censurado e reprimido, de modo que essas ideias censuradas e reprimidas se opõem a ele, visto que elas querem se tornar conscientes, e ele as impede, censura ou reprime. Desta maneira, segundo Freud, encontramos no Ego uma parte inconsciente, que age como o reprimido, desempenhando ações sem tornar-se de fato consciente. Assim, nota-se que há uma disputa entre o inconsciente e o consciente no interior da mente ou psique, ou conflito entre o que foi reprimido e o Ego coerente. Nas palavras de Freud:

(...) fazemos derivar a neurose de um conflito entre o consciente e o inconsciente. A partir da nossa compreensão das relações estruturais da vida psíquica, temos de substituir essa oposição por uma outra: aquela entre o Eu coerente e aquilo reprimido que dele se separou. (FREUD, S. *O Ego e o Id*, 1923, p. 15).

Numa primeira leitura, é possível que haja a impressão de que o que é considerado inconsciente é a mesma coisa do que foi reprimido, mas isso não corresponde integralmente aos argumentos de Freud: o que foi reprimido está inconsciente, no entanto nem tudo que está inconsciente é o que foi reprimido. Assim, uma parte do Ego é também inconsciente, não como o pré-consciente que é acessível à consciência, pois se assim fosse, ao ser ativado, ele se tornaria consciente. Devemos então conceber que há no inconsciente uma terceira parte? A busca da explicitação dos processos psíquicos, na concepção de Freud, não se pode desenvolver apenas com a distinção das ideias como ou conscientes ou inconscientes, uma vez que isso não basta para entender o seu todo.

Freud afirma que a consciência é a superfície do aparelho psíquico, é o primeiro lugar a ter contato com o mundo externo; esse primeiro contato do que vem de fora para dentro da psique ou mente é chamado de percepção sensorial, e o que é consciente que está dentro são as sensações e sentimentos. Mas qual seria então a diferença principal entre o que é inconsciente e pré-consciente? O que está inconsciente é desconhecido, já o pré-consciente está na memória e pode ser acessado, desde que tenha sido antes uma percepção sensorial. Freud explica que é assim que funciona o processo consciente quando estamos tratando de uma percepção externa.

Essas representações verbais são resíduos de memória; foram uma vez percepções e, como todos os resíduos mnemônicos, podem voltar a ser conscientes. Antes de seguirmos tratando de sua natureza, ocorre-nos, como uma nova descoberta, que apenas pode tornar-se consciente aquilo que uma vez já foi percepção Cs, e que, excluindo os sentimentos, o que a partir de dentro quer tornar-se consciente deve tentar converter-se em percepções externas. O que se torna possível mediante os traços mnemônicos. (FREUD, S. *O Ego e o Id*, 1923, p. 17).

Freud designa como percepção interna as sensações e os sentimentos que vêm dos mais variados lugares psíquicos, por isso esse processo pode ser mais complexo de entender. Existe um tipo de sensação de prazer-desprazer que, nas palavras de Freud: “São mais primordiais, mais elementares do que as

que vêm de fora, mesmo em estados de consciência turva podem ocorrer”. (FREUD, S. *O Ego e o Id*, 1923, p. 19). Essas percepções internas podem, assim como as percepções externas, vir de lugares diferentes, da mesma forma que podem ter qualidades diferentes. As sensações de prazer não têm nada de angustiante, mas as desprazerosas têm muito, de modo que buscam uma descarga de energia, pois significa que houve um aumento de energia.

De acordo com a primeira tópica freudiana, o que é prazeroso é consciente, mas o que é desprazeroso tem de ser levado para o pré-consciente, pois não há uma vontade de que o indivíduo tome consciência dele. Conseqüentemente, o Ego não percebe que ele está lá, a não ser quando se dá início a uma força para reprimi-lo, ele é notado como desprazer. Mas mesmo a dor e o desprazer podem continuar inconscientes, de modo que se tornam conscientes apenas ao atingir o pré-consciente, caminho esse que pode ser barrado e mantido no inconsciente e, assim, para Freud, surgem os chamados de sentimentos inconscientes. Dessa maneira, Freud começa a desenvolver o significado de Ego, que tem seu núcleo no *Pcs* e no *Cs*, mas é também *Ics*.

1.3. O Período de Latência

Temos separado por idade cada uma das fases do desenvolvimento psíquico e sexual infantil, tal como o fez Freud, mas devemos entender que elas podem variar bastante de criança para criança, pois cada uma delas se desenvolve de uma maneira e em tempos diferentes; então se deve entender essas idades como aproximadas e essas fases podem acontecer antes ou depois.

Sobre o próximo período, designada pelo autor como *período de latência*, Freud assevera, em *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), que esse é o momento em que o desenvolvimento sexual infantil é desacelerado, pois a libido se volta para o desenvolvimento social, e as experiências sexuais (aquelas autoeróticas da primeira infância) vividas até aquele momento caem em um esquecimento infantil. Durante esse período de latência, segundo Freud, não é regra que ele acarrete uma total interrupção da atividade e dos interesses sexuais. Nessa fase se tem a impressão de que essas inibições sexuais são

advindas do processo de educação familiar e escolar já começado anteriormente, quando, por exemplo, as crianças são repreendidas pelos pais ao demonstrarem qualquer coisa que possa ser entendido com sexual. No entanto, o autor explica que essas inibições são principalmente orgânicas, isto é, de natureza biológica, e acontecem sem que haja necessariamente qualquer efeito resultante de um processo educacional.

Já o desenvolvimento do intelecto característico dessa fase é devido ao fato de as pulsões (que fluem continuamente) voltarem a sua energia para outras coisas, neste caso a aprendizagem, isto é, para o desenvolvimento intelectual ao invés do interesse sexual. Isso acontece devido às pulsões que não deixam de fluir, mas que não podem seguir o caminho do sexual; assim acabam se redirecionando para o aprendizado. Nas palavras do autor:

Com que meios são realizadas essas construções, tão significativas para a cultura e a normalidade posteriores do indivíduo? Provavelmente à custa dos impulsos sexuais infantis mesmos, que não cessaram nesse período de latência, mas cuja energia - integralmente ou na maior parte - é desviada do emprego sexual e dirigida para outros fins. Os historiadores da civilização parecem concordes em supor que, desviando-se as forças instintuais sexuais das metas sexuais para novas metas - um processo que merece o nome de sublimação - adquirem-se fortes componentes para todas as realizações culturais. Acrescentaríamos que o mesmo processo ocorre no desenvolvimento do indivíduo, e situaríamos o seu começo no período de latência sexual da infância. (FREUD, S. *Três Ensaio*s, 1905, pp. 80-81).

Esse período de latência também é explicado no artigo “O problema do saber na adolescência e o real da puberdade” de autoria de Viola e Vorcaro, onde é dito também que muitas vezes esse período de latência pode ser confundido com a educação, e Freud mesmo diz que a educação tem seu papel neste sentido. No entanto, mesmo que não haja a educação, esta latência da energia voltada para a sexualidade provavelmente aconteceria pois ela é organicamente constituída.

Para Freud (1905/1996a; 1910/1996b; 1911/1996c), no período da latência a pulsão sexual é desviada para outras finalidades, tais como a construção de aspirações estéticas e morais e a aquisição de

conhecimento. Ao mesmo tempo em que a sublimação opera no fomento da assimilação de saberes transmissíveis – o que Freud relaciona à pulsão de saber, calcada na curiosidade sexual –, a fantasia se fortalece no plano inconsciente (Freud, 1911/1996c). O saber transmissível, aquele com o qual se relaciona o conhecimento, os conceitos, o que se aprende pela educação, não se confunde com o saber inconsciente, desvelado pela hipótese freudiana. (...) Pulsão de saber e pulsão sexual são as duas faces de um mesmo movimento pulsional, que resulta tanto nos produtos sublimatórios – o conhecimento científico, a arte, o trabalho – como na fantasia. (VIOLA, Daniela T. D. – VORCARO, Ângela M. R. “Latência, adolescência e saber”, *Estilos da clínica*, São Paulo, vol. 18, n. 3, set./dez. 2013, pp. 461-476).

Freud relata ainda que outro motivo para a existência do período de latência e esse desvio para a intelectualidade pode ser explicado pelo fato das pulsões sexuais serem inúteis durante a infância, já que não há ainda a possibilidade de reprodução nessa fase, assim há uma força reativa que fortalece a moral. Quanto ao esquecimento infantil do período de latência, segundo Freud, ele é resultado da repressão propriamente dita. Essa repressão é resultado da moral recém-formada, pois foi desenvolvida na fase edipiana, anterior a ela. Essas memórias do complexo de Édipo são lançadas para o inconsciente, pois a consciência não conseguiria lidar com elas. A repressão está entre os vários mecanismos de defesa do superego, e sua função é impedir que qualquer pensamento, lembrança ou desejo que sejam incompatíveis com ele, cheguem à consciência; o superego é aquele que censura todos os nossos instintos e desejos, o juiz e vigilante moral das nossas ações.

Graças à história de sua formação, o ideal do Eu (Superego) tem amplos laços com a aquisição filogenética, a herança arcaica do indivíduo. O que fez parte do que é mais profundo na vida psíquica de cada um se torna, através da formação do ideal, no que é mais elevado na alma humana, conforme nossa escala de valores. (...) Não é difícil mostrar que o ideal do Eu satisfaz tudo o que se espera de algo elevado no ser humano. (FREUD, S. *O Ego e o Id*, 1923, p. 33).

O superego é também advindo do complexo de Édipo, já que este é o grande impulso infantil que precisou ser reprimido e, à medida que o complexo vai sendo reprimido, o ego vai se formando e, junto com ele, acontece o processo de formação dos ideais, constituindo-se ou formando-se assim o superego. Com a moral social que acaba de ser construída, já foi imposto à criança que ela não pode estar com a mãe, mas ainda assim a criança a tem como objeto de amor. Para lidar com isso, o superego já formado reprime esses desejos e sentimentos, e faz com que a criança temporariamente esqueça tudo o que sentiu, e que isso fique guardado apenas em seu inconsciente. Sobre isso, argumenta R. Mezan:

A repressão instaura uma distância interior entre o indivíduo e si próprio, distancia que incorpora a dimensão da autoridade no coração mesmo do psiquismo. E não se trata de uma autoridade qualquer: é a Autoridade do Outro que se imprime em cada um de nós, governando com mão de ferro o jogo das pulsões e transformando o pequeno animal que vem ao mundo, fruto de um homem e de uma mulher, num ser propriamente humano. (MEZAN, R. *Freud: a trama dos conceitos*, 1991, p. 206).

Ao atingir o período de latência, a criança já não se recorda mais do Complexo de Édipo. Por ser chamado de latência, e por acontecer logo após uma fase que parece ser turbulenta, temos a impressão de que esse período de latência possa ser caracterizada por uma calmaria em relação às pulsões, no entanto, a criança tem que lidar a partir de agora com a força exercida pelo superego, pelo resto de sua vida.

A fase que segue o período de latência é chamada de *genital* ou de *puberdade*. Eis o lugar a que queríamos chegar. Durante o período de latência, o complexo de Édipo tem menos atenção, mas nesta nova fase ele volta com força total, sendo esse também o momento de o superar, pois é o momento em que se percebe que ele não mais será possível.

2. Complexo de Édipo e Puberdade

Em sua obra “A Adolescência” (2000), Calligaris descreve sobre quão desafiadora pode ser a fase da puberdade, e como é vista por todos como uma “criatura um pouco monstruosa”. Isso acontece porque, anteriormente, para as crianças os pais eram os objetos mais importantes de sua vida, eram fonte de conhecimento inquestionável. Além disso, eram os exemplos a serem seguidos, a principal referência familiar e social das crianças. No entanto, na adolescência, isso muda e essa queixa deve-se ao fato de a adolescência ser aquele momento onde podemos perceber que os adolescentes começam a ter uma opinião própria (ou não tão própria assim, mas com certeza divergente da do pai e mãe), e brigando por ela, ou seja, os pais deixam de ser aqueles cuja ordem era considerada antes como irrefutável, para se tornarem aqueles que colocam limites, e isso acaba levando a um afastamento dos pais.

Esse movimento muitas vezes é visto de forma negativa, pois para muitos, é a primeira vez que os pais e mães estão sendo questionados e hostilizados pelos filhos, além de eles não compreenderem muito bem esse distanciamento, causando-lhes geralmente sentimentos dolorosos. Ainda assim, essa nova fase da adolescência pode e deve ser vista de outras formas, sobretudo sob a perspectiva ou o olhar da psicanálise. Podemos entendê-la como o momento em que aquele ser humano em idade de transição está desenvolvendo sua capacidade argumentativa, social e cultural; o momento em que ele está principalmente aprendendo. Nas palavras de Freud, durante a adolescência:

Simultaneamente com a superação e repúdio dessas fantasias claramente incestuosas, sucede uma das realizações psíquicas mais significativas e também mais dolorosas da época da puberdade, o desprendimento da autoridade dos pais, através do qual se cria a oposição – tão relevante para o avanço cultural – da nova geração em face da antiga. (FREUD, S. *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade*, 1905, p. 149).

Essa fase corresponde também a um processo social, que marca o início da entrada para a vida adulta, ou seja, é o início da construção da sua identidade. Ela é marcada principalmente por essa busca pela autonomia e é aparentemente

a partir daí que surgem as diferentes formas de desobediência, de protesto e de resistência. Um dos intuitos de nossa pesquisa é entender porque e de onde vem toda essa rebeldia e desobediência.

Essa busca pela sua própria identidade é um dos caminhos que pode levar o adolescente a uma constante experimentação e, por isso, ele pode estar em constante mudança, isto é, pertencer em cada momento a um grupo diferente, e trocar de amigos com certa facilidade e rapidez. Isso tudo acontece porque os adolescentes ainda não entendem o que propriamente são e de que grupo fazem parte. Estão sempre buscando também mudar as relações que têm com os adultos, pois entendem que não são mais crianças, e querem ser tratados como adultos, apesar de ainda não serem considerados como tais.

Expusemos acima, em linhas gerais, como é que Freud concebia a formação psíquica, social e sexual das crianças até a puberdade, mas devemos nos debruçar novamente sobre a fase edipiana para entendê-la melhor. A *Interpretação dos Sonhos* (1900) é a primeira obra em que Freud expõe sua concepção sobre o complexo de Édipo, que tem este nome pois foi baseado na tragédia *Édipo Rei*, de Sófocles (427 a.C.). Na tragédia grega é descrita uma situação dramática em que um jovem Édipo nutre um desejo incestuoso em relação à progenitora do sexo oposto, de forma que o menino teria esse desejo sexual pela própria mãe, e assim busca tomar o lugar de seu pai. O que nela foi narrado significava, para Freud, como já vimos, que era ainda bastante cedo para um menino ter como escolha objeto o seio materno, mas que logo em seguida ele se dirige à própria mãe, e o pai sendo o objeto seguinte mais próximo, é escolhido como aquele com o qual o menino irá se identificar. Essa relação dura por um tempo até o menino perceber que o pai é, na verdade, um obstáculo a ser vencido para que ele possa realizar o desejo de ficar com a mãe para si próprio. O que era antes identificação com o pai acaba sendo revertido em hostilidade para com ele, pois Édipo deseja ocupar o seu lugar, para poder ficar junto com a mãe. O pai passa a ser entendido como uma autoridade maior que serve apenas para impedir seu gozo.

Quanto mais irrestrito o domínio do pai na família antiga, tanto mais o filho, destinado a sucedê-lo, deve ter assumido a posição de um inimigo, tanto maior deve ter se tornado a sua impaciência de chegar

ao poder por meio da morte do pai (...) o médico observa com bastante frequência que a dor que o filho sente pela perda do pai não é capaz de reprimir a satisfação com a liberdade enfim alcançada. (FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos*, 1900, p. 279).

Com base nesta passagem de Freud, podemos entender também que a morte do pai não significa para o adolescente apenas poder estar junto com a mãe, mas a obtenção da liberdade que procurava, pois, a autoridade do pai não o permitia conquista-la. Apesar de, na tragédia grega, essa morte ser literal, podemos entender na forma simbólica o que ela possa significar. Na busca por sua identidade, o adolescente precisa “se livrar” do domínio do pai para que possa se descobrir a si mesmo, e vir a ser o que desejar.

É na fase edipiana que as crianças começam a perceber as diferenças sexuais, e é nela que se inicia um certo tipo de moralidade (mas não é ainda a fase em que ela se consolida), em que se desenvolvem o *ego* e a *libido*. Os pais do sexo oposto viram então os objetos de suas energias libidinais, e aqueles do mesmo sexo passam a ser vistos de forma hostil, como objeto de ciúme e rivalidade. Freud alerta que podemos ser facilmente enganados se se considerar que o comportamento incestuoso de querer a mãe só para si mesmo seria originário de uma motivação egoísta, pois é a mãe que dá carinho, alimenta e faz tudo para a criança, de modo que o ciúme e o tratamento hostil para com qualquer outro com que ele tivesse de dividir toda essa atenção seria apenas um interesse egoísta. Essa explicação é apenas um “apoio” ao real motivo desse comportamento ou impulso psíquico de origem sexual.

Bastante cedo ele desenvolve um investimento objetal na mãe, que tem seu ponto de partida no seio materno e constitui o protótipo de uma escolha objetal por “apoio”; do pai o menino se apodera por identificação. As duas relações coexistem por algum tempo, até que, com a intensificação dos desejos sexuais pela mãe e a percepção de que o pai é um obstáculo a esses desejos, tem origem o complexo de Édipo. A identificação com o pai assume uma tonalidade hostil, muda para o desejo de eliminá-lo, a fim de substituí-lo junto à mãe. (FREUD, S. *O Ego e o Id*, 1923, p. 29).

Segundo Freud, a fase edipiana acaba por volta dos 5 ou 6 anos de idade, e o que se segue é o período de latência, para só depois chegar à fase da puberdade. Mas, ao lermos as obras freudianas, perceberemos que o complexo de Édipo, na verdade, acompanha os indivíduos inconscientemente pelo resto de suas vidas. A repressão que aconteceu na primeira fase edipiana nunca é total, pois esses desejos e sentimentos característicos desse complexo tentam o tempo todo voltar à consciência, seja através dos sonhos, chistes ou atos falhos. Para Freud, o que acontece é que quando algo (como por exemplo o complexo de Édipo) é reprimido, ele não é destruído, mas é apenas lançado para o inconsciente, e por estar carregado de energia libidinal e estar ligado à pulsão, segue atuando onde foi enviado. Fala-se então de uma “dissolução do complexo de Édipo”, que aconteceria porque o próprio desejo libidinoso é frustrado, visto que não tem como “ganhar” a batalha interna contra o superego. Como diz Freud na seguinte passagem:

Depois ele desaparece, sucumbe à repressão, como dizemos, e vem o período de latência. Mas ainda não é claro o que leva ao seu fim; as análises parecem mostrar que são dolorosas decepções experimentadas. A menina pequena, que pretende ser amada pelo pai acima de tudo, algum dia sofre uma dura punição por parte dele e se vê expulsa do paraíso. O garoto, que vê a mãe como sua propriedade, nota que ela passa a dirigir seu amor e seu cuidado a um recém-chegado. A reflexão aprofunda o valor dessas influências, ao enfatizar que são inevitáveis tais experiências aflitivas, que se opõem ao conteúdo do complexo. Mesmo quando não sucedem eventos especiais, como os mencionados a título de exemplos, a ausência da satisfação esperada, a contínua ausência do filho desejado, levam a que o pequeno enamorado abandone sua desesperançada afeição. Assim, o complexo de Édipo desapareceria devido ao seu fracasso, em consequência de sua impossibilidade interna. (FREUD, S. *A Dissolução do Complexo de Édipo*, 1924, p. 184).

O “fim” da fase edipiana coincide, de acordo com a teoria da sexualidade de Freud, com o primeiro tempo da organização genital, como já vimos (cf. seção 1.1.), pois o que acontece antes disso é uma desorganização de zonas erógenas espalhadas pelo corpo, sem um foco preciso. É a partir dessa fase que os mecanismos de defesa atuam pela primeira vez, para reprimir o complexo de

Édipo e poder enviá-lo para o inconsciente, e que aparece para todos nós o superego, e toda a moralidade exigida por ele.

A puberdade marca o segundo tempo da organização genital. Nesse momento, nossas pulsões voltam com uma força muito maior, pois há uma maior quantidade de investimento libidinal, há um resgate da organização genital. Assim, segundo a teoria de Freud, podemos entender que há um excesso libidinal, de modo que sempre que há um excesso (não só na puberdade, mas em qualquer momento da vida psíquica), há uma força igualmente grande para reprimi-lo. Muitas psicopatologias⁴ advêm dessa disputa interna de excessos psíquicos, como descrito por Freud no *Caso Schreber* (1911), em que há uma descrição de um caso de excesso libidinal tão grande, em que o paciente passa a ter alucinações, entrando em um estado de paranoia.

O combate da repressão desencadeia-se de novo, mas dessa vez recorre a meios mais fortes; à medida que o objeto de litígio se torna o mais importante do mundo exterior, e de um lado quer atrair toda a libido para si, de outro lado mobiliza todas as resistências contra si, a luta pelo objeto vem a ser comparável a uma batalha geral, no decurso da qual a vitória da repressão manifesta-se na convicção de que o mundo acabou e restou apenas o Eu. (FREUD, S. *O Caso Schreber*, 1911, pp. 63-64).

Podemos entender, por conseguinte, um dos motivos da constante revolta dos adolescentes contra seus pais e todo o restante corpo da sociedade: há no seu interior duas forças de grande intensidade brigando entre si. Isso resulta em um sentimento conflituoso interno, gerando uma grande inquietude e que pode acabar produzindo a necessidade de rompimento com os pais, muitas vezes disfarçada de busca pela liberdade. Essa ruptura não significa apenas a busca pela liberdade, mas o entendimento de que não há de fato a possibilidade de se estabelecer relações incestuosas de fato, ou seja, uma das forças internas, no caso o superego, prevaleceu, enquanto a outra foi reprimida e lançada para o inconsciente. Desta maneira se pode compreender como Freud entendia acontecer a dissolução do complexo de Édipo, por frustrações e falta de êxito.

⁴ Cf. o artigo de A. Birraux “Psicopatologias do adolescente”, in KAUFMANN, P. (dir.). *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise*, 1996, pp. 4-10.

Freud afirma que a entrada para a puberdade é conhecida pela mudança fisiológica (como o crescimento dos genitais externos e internos), mas não deve ser caracterizada somente por ela. Na fase da puberdade, finalmente, surge a primazia das zonas erógenas genitais, algo para que cada indivíduo foi preparado por muito tempo. Passa a haver então uma busca incessante por um outro indivíduo para que haja a descarga sexual. O primeiro objeto de amor exterior a si mesmo era incestuoso, ou seja, era o próprio pai ou a própria mãe; porém, mesmo que houvesse a superação da fixação incestuosa da puberdade e o indivíduo conseguisse chegar à adolescência, ele ainda sofreria por longo tempo as consequências características dessa fase, pois a afeição pelos pais é (e não deixará de ser) o mais importante impulso na vida de qualquer um.

Freud foi o primeiro a revelar que com certa frequência há uma similaridade da *escolha do objeto* de um homem ou de uma mulher para com sua mãe ou seu pai, respectivamente. Freud nos teria mostrado, portanto, que nem tudo está realmente resolvido com a dissolução do complexo de Édipo na infância, pois na puberdade ele apenas assume uma outra forma, e passa por uma *revalidação*, apesar de ainda seguir moldando os relacionamentos afetivos e sexuais posteriores. Desta maneira, o sujeito adolescente irá buscar um objeto que não faz parte da família, pois o horror ao incesto o proíbe disso, mas esse outro objeto deverá ter certas características que se assemelhem imagem que ele fizera antes de sua mãe ou de seu pai. Sobre esse assunto, explica R. Mezan:

Caso a escolha incestuosa seja eficientemente bloqueada por estes mecanismos ainda obscuros, e cujo fracasso pode ser observado com clareza na análise dos neuróticos, coloca-se um problema final: a seleção de um objeto que escape aos dilemas gêmeos do autoerotismo e do incesto. (...) A contingência do objeto, tese essencial à coerência do argumento freudiano (...) encontra aqui sua contrapartida: se o objeto nada mais é do que a pessoas de quem emana atração, a escolha está determinada pela história pregressa da libido de cada um. (MEZAN, R. *Freud: a trama dos conceitos*, 1991, p. 137).

Desse modo, de acordo com a compreensão de Mezan, mesmo que haja a superação do complexo de Édipo, e que cada indivíduo consiga seguir e começar uma vida sexual adulta dita “normal”, ao escolher um objeto (que

escape do autoerotismo e do incestuoso), acabará contingente e inconscientemente escolhendo contingentemente como novo objeto alguém que tenha semelhanças ao seu objeto de amor passado. Noutros termos, pode-se considerar que uma atração será exercida pela memória da libido vivenciada.

Mesmo quando o desligamento ou afastamento dos objetos de desejo infantis ocorre na adolescência da forma como deve acontecer, de forma que haja a dissolução do complexo de Édipo, pode ocorrer ainda que o desenvolvimento para a fase adulta seja prejudicado por outros dois motivos: a) se há uma proibição por qualquer que seja a razão de buscar ou dirigir-se a um novo objeto, b) juntamente com a atração exercida pelos desejos incestuosos reprimidos, a libido pode acabar retomando ao infantil, fixando-se nele, e mesmo que a repressão a mantenha no inconsciente, isso não impede a libido de atuar. Por conseguinte, pode ocorrer que um homem não consiga concluir o ato sexual se a mulher que lhe interessa lhe fizer recordar de sua mãe ou irmã, de modo que ele passa a ter um olhar de carinho ou afeto para com ela, visto que essa outra mulher também lhe seria proibida, assim como aconteceu na proibição incestuosa. Desse modo, haveria um desligamento entre o amor e a sensualidade.

Por ser o primeiro objeto de amor de cada criança, nossos pais nos ensinam aos seus filhos seus próprios valores e seguimos as suas regras, quase que cegamente. Quando a fixação incestuosa é superada e se adentra na adolescência, tomando a decisão de se desvencilhar dos pais, isto significa em geral não seguir mais suas regras e superar sua autoridade, assim como não precisar mais de sua proteção, mas significa também abrir mão desse amor. Freud nos explica, em sua obra *O mal-estar na cultura* (1930), que abrir mão desse amor e, portanto, da proteção é o grande medo que muitas vezes norteia a vida, mesmo do adulto. O indivíduo passa a se ver em uma situação de risco, como se corresse algum perigo.

É fácil descobri-lo em seu desamparo e em sua dependência em relação aos outros, e a sua melhor designação é a de medo da perda do amor. Se o indivíduo perde o amor do outro, do qual depende, também perde a proteção contra muitos perigos, e se expõe, sobretudo, o risco de que esse outro prepotente lhe mostre sua

superioridade em forma de punição. (FREUD, S. *O mal-estar na cultura*, 1930, p. 147).

Admitindo-se que, até então, tudo o que as crianças tentavam fazer até chegarem na adolescência era agradar aos pais e fazer as coisas de modo que os pais a aprovassem, doravante as relações mudam radicalmente. Para o menino, o pai era um exemplo a ser seguido, era o que ele gostaria de ser, gostaria de estar em seu lugar. Por outro lado, havia o amor pela mãe, o investimento objetal já mencionado anteriormente, e ambos, o querer ser o pai e o investimento libidinal dirigido à mãe, caminhavam juntamente, sem um anular ou atrapalhar o outro. Em uma etapa do desenvolvimento infantil que Freud denomina “pré-história do complexo de Édipo”, o complexo de Édipo e a idealização do pai se encontram, e o menino percebe então que o pai impede o acesso a sua mãe, e a idealização do pai assume inversamente um aspecto hostil, de modo que se torna, em verdade, uma vontade de excluí-lo e, assim, tomar o seu lugar. Eis como Freud explica esse processo em sua obra *Psicologia das massas e análise do eu* (1921):

Assim ele mostra duas ligações psicologicamente diferentes: em relação à mãe, um claro investimento sexual de objeto; em relação ao pai, uma identificação que o toma por modelo. Ambas persistem lado a lado por algum tempo, sem influência ou perturbação mútua. Em consequência da unificação da vida psíquica, que avança sem cessar, elas finalmente se encontram, e por essa confluência, surge o Complexo de Édipo normal. O pequeno percebe que o pai bloqueia seu caminho de acesso à mãe; sua identificação com o pai assume agora uma tonalidade hostil e se torna idêntica ao desejo de substituir o pai também junto à mãe. (FREUD, S. *Psicologia das massas e análise do eu*, 1921, p. 99).

Segundo Freud, durante o período de puberdade, o filho precisa então ou reconciliar-se com o pai, se essa relação tiver sido hostil, ou libertar-se dessa pressão exercida pelo pai, caso o filho tenha reagido de forma submissa a ele, para poder tornar-se um membro da comunidade social mais ampla, não restrita à família. Isso só acontece através da identificação do filho com o pai. Quando o adolescente se dá conta de que o complexo de Édipo não irá tornar-se real, e

que ele visa superá-lo, ocorre um desvio de energia libidinal, que acaba se voltando para se reconhecer a si mesmo em seu pai. Freud relata na mesma obra o desenlace da questão da identificação do filho ou da filha com aqueles que lhe eram hostis, o pai ou a mãe, concluindo que “(...) a identificação tomou o lugar da escolha do objeto; a escolha de objeto regrediu à identificação” (FREUD, S. *Psicologia das massas e análise do eu*, 1921, p. 101). Isso ocorreria após a dissolução do complexo de Édipo, por essa razão Freud emprega a expressão “tomar o lugar”, pois é como se a escolha do objeto tivesse sido substituída por essa identificação. Ela tem como objeto quase sempre o pai, no caso do menino e a mãe no caso da menina, quando ocorre de forma normal, mas isso pode se inverter e pode ocorrer também que, ao invés dos pais, possa haver uma identificação com qualquer outra figura de poder ou autoridade, como um professor, sacerdote ou outros.

A identificação com o pai assume uma tonalidade hostil, muda para o desejo de eliminá-lo, a fim de substituí-lo junto à mãe. Desde então é ambivalente a relação com o pai; é como se a ambivalência desde o início presente na identificação se tornasse manifesta. A postura ambivalente ante o pai e a relação objetal exclusivamente terna com a mãe formam, para o menino, o conteúdo do complexo de Édipo simples e positivo.

Com o desmoronamento do complexo de Édipo, o investimento objetal na mãe tem que ser abandonado. Em seu lugar pode surgir uma identificação com a mãe ou um fortalecimento da identificação com o pai. (FREUD, S. *O Ego e o Id*, 1923, pp. 28-29).

Apesar de Freud afirmar que a fase da puberdade é dolorosa, tanto para os próprios adolescentes quanto para os pais, para que a entrada na vida adulta ocorra de fato, há a necessidade da perda desse amor, porém isso não acontece na totalidade. De acordo com Freud, quando ocorre a identificação, o indivíduo se volta para aquele em que se reconheceu primeiro, e com quem teve forte ligação emocional. Tudo o que até então o adolescente entende por moral e todos os valores que possui até então vieram através dos pais, de modo que a sua identidade será uma herança deles, pois foi através deles que se deu a consolidação do seu ideal de ser adulto. O início da formação do superego

acontece em resposta ao complexo de Édipo, mas o superego se concretiza como produto da assimilação da autoridade paterna.

Isso nos leva de volta à origem do ideal do Eu, pois por trás dele se esconde a primeira e mais significativa identificação do indivíduo, aquela com o pai da pré-história pessoal. Esta não parece ser, à primeira vista, resultado ou consequência de um investimento objetal; é uma identificação direta, imediata, mais antiga do que qualquer investimento objetal. Mas as escolhas de objeto pertencentes ao primeiro período sexual e relativas a pai e mãe parecem resultar normalmente em tal identificação, e assim reforçar a identificação primária. (FREUD, S. *O Ego e o Id*, 1923, p. 28).

Os pais são considerados pelos adolescentes como exemplos, principalmente como sujeitos morais. Quer o adolescente se decida a seguir o que foi aprendido através dos pais (e assim satisfazer o superego), quer se decida fazer exatamente o oposto, o ponto de referência da decisão terá sido sempre os pais.

Para o fundador da psicanálise, o complexo de Édipo sempre regeu os desejos infantis, porém ele compreendia que entrar na adolescência significava o rompimento e a superação, não do complexo em si, mas sim, de um lado, da meta anteriormente dada ou do ideal do eu e, de outro lado, a substituição do objeto anterior. O indivíduo vai, na adolescência, concretizar um abandono que já foi começado desde a infância, de modo que novamente o *Id* se manifestará uma vez que não quer abrir mão dos desejos incestuosos e do complexo de Édipo, brigando contra o superego, que defende a obrigação de superação desses. Não é à toa que o comportamento característico da adolescência seja comparado por Anna Freud ao estado de psicose, como veremos a seguir. Sigmund Freud não se dedicou muito mais ao tratar da puberdade, mas a sua filha e também psicanalista Anna Freud dará continuidade a esse trabalho, investigando mais a fundo inclusive o que acontece com o complexo edipiano ainda na adolescência.

3. Mecanismos de Defesa do Adolescente

Em sua obra *O Ego e os Mecanismos de Defesa*, de 1936, Anna Freud argumenta que, durante a adolescência, o ressurgimento da sexualidade infantil faz com que se torne perigoso manter-se emocionalmente ligado aos pais, pois nessa etapa da vida psíquica há de fato a possibilidade da concretização dos desejos incestuosos, e aqui podemos ver mais um motivo para que haja a ruptura da relação dos filhos com os pais. Do mesmo modo como durante a adolescência, se pode observar nos jovens uma força libidinal maior, nessa fase da vida psíquica os mecanismos de defesa também aumentam. Anna Freud formula a partir daí duas possibilidades, ambas entendidas como processos defensivos dos desejos incestuosos.

A primeira é chamada de “ascetismo” e ocorre porque cabe ao superego se defender desses desejos incestuosos, passando a desconfiar e a atacar tudo e qualquer coisa que possa dar prazer, de forma que repudia seus impulsos e faz com que o adolescente se isole de tudo; nesse caso, há uma proibição enfática de suas pulsões e muitas vezes essa proibição toma uma dimensão generalizada, fazendo com que a mínima atitude prazerosa, como dançar ou ir ao teatro ou ouvir música seja proibida. Freud menciona em sua obra *O mal-estar na cultura* (1930) a *renúncia* aos impulsos, já na vida adulta, mas como ela advém do medo de perder o amor de algo considerado como autoridade externa, e em seguida com a instauração do superego, essa renúncia aos impulsos passa a ser guiada pelo medo de uma autoridade interna, ou seja, da sua consciência moral.

Também ficamos sabendo sobre como pode ser entendida a severidade do superego, ou seja, a exigência da consciência moral. Ela simplesmente continua o rigor da autoridade externa, cujo lugar ocupa e substitui parcialmente. (FREUD, S. *O mal-estar na cultura*, 1930, p. 152).

Ao invés do recalçamento comum, Anna Freud o chama de “repúdio da pulsão”, pois diferentemente de casos patológicos onde a gratificação pode sofrer um deslocamento, neste caso, não há escapatória. Existe a possibilidade

de que isso seja revertido e torne-se o extremo oposto, e aí teremos um adolescente que despreza qualquer restrição externa; de maneira que tudo o que era antes proibido, ele buscará fazer sem limites. Há, no entanto, a possibilidade do adolescente não se recuperar dessa fase da vida psíquica de modo que comece a proibir-se de comer ou dormir, e aí deixa de ser um fenômeno normal dentre os adolescentes para se constituir em uma patologia psicótica.

Levanta-se a questão de saber se estamos realmente justificados em diferenciar o repúdio da pulsão, durante a puberdade, do usual processo de recalçamento. A base para tal distinção teórica é que, no caso dos adolescentes, o processo se inicia com o medo mais da quantidade da pulsão do que da qualidade de quaisquer impulsos dados; e acaba, não em gratificações substitutivas ou formações de compromisso, mas em uma justaposição ou sucessão abrupta de renúncias pulsionais e excessos pulsionais ou, como seria mais correto dizer, na sua alternância. (FREUD, Anna, *O Ego e os Mecanismos de Defesa*, 1968, pp. 111-112).

Sempre que a energia pulsional cresce, há uma força do superego para reprimi-la, de modo que os mecanismos de defesa se tornam mais ativos; de modo que, ao invés de se entender o ascetismo como uma outra forma de recalçamento, ou até de uma fase primordial a ele, a autora sugere que tal fenômeno deva ser interpretado como uma resposta para a hostilidade entre o superego e o *Id*.

A segunda possibilidade defensiva dos desejos incestuosos, tal como a concebeu Anna Freud, é o que ela chama de “intelectualização”. A leitura do texto *O Ego e os Mecanismos de Defesa*, revela que a autora emprega esse termo sempre entre aspas, indicando que essa intelectualização não significa realmente o que a palavra indica. Para ela, o adolescente aparenta ficar mais inteligente, mais interessado e disposto a aprender e a debater sobre os assuntos mais variados, defendem a empatia, os valores morais e a capacidade de compreensão dos demais membros de seus grupos familiar e social. No entanto, tudo o que discutem não passa realmente de um discurso, pois na prática nada disso se aplica. Os adolescentes defendem a empatia, mas não se mostram sujeitos mais empáticos; defendem a compreensão, mas não são

sujeitos mais compreensivos, e assim por diante. Discursam sobre um belo conceito de amor, mas são infiéis e insensíveis em seus casos amorosos. Buscam entender a estrutura da sociedade, mas isso não faz com que eles de fato entendam e achem seu respectivo lugar e papel na sociedade.

Todo esse processo intelectual ao qual o adolescente se propõe só mostra que, na verdade, é ele que está buscando a sua própria personalidade. É por isso que, apesar de muito pensar e discutir, nenhuma dessas discussões o leva a lugar algum, não passam de divagações, e não há nem mesmo a ambição de que algo seja real, que seja traduzido para a realidade. Segundo as palavras de Anna Freud:

A intelectualidade adolescente parece servir, meramente, às divagações. Mesmo as fantasias ambiciosas do período pré-puberal não têm o intuito de ser traduzidas para a realidade. Quando um rapaz fantasia que é um grande conquistador, não sente que, por isso, tenha a obrigação de prestar provas de sua coragem e resistência na vida real. (...) As discussões e especulações intelectuais *in abstractum*, em que os jovens se deliciam, não constituem tentativas autênticas para a solução das tarefas impostas pela realidade. (FREUD, Anna, *O Ego e os Mecanismos de Defesa*, 1968, pp. 114-115).

Ainda sobre essa intelectualidade adolescente, Anna Freud afirma que muitos dentre eles tendem para a reflexão e a solução de conflitos internos disfarçados, como decidir entre pôr os impulsos sexuais em prática e renunciar a eles, entre liberdade e restrição, entre a revolta contra a autoridade e a submissão a ela.

Cabe aqui lembrar que, segundo a autora, todas essas defesas são criadas pela negação daquela pulsão do desejo infantil, pois novamente, ao perceber que perderá o amor dos pais, advém ao adolescente um vazio emocional, de forma que o adolescente precise desesperadamente de outros objetos de amor e que, a partir de então, comece a sua busca, pois precisa preencher de alguma forma esse vazio deixado. Para Anna Freud, deve-se entender essa reação como mais uma experimentação da fase da puberdade, pois esse período é caracterizado por relacionamentos intensos, mas de curta duração.

As pessoas são seleccionadas como objetos e abandonadas, sem qualquer consideração pelos seus sentimentos, escolhendo-se logo outras para ocuparem o lugar delas. Os objetos abandonados são rápida e completamente esquecidos, mas a forma da relação com eles é conservada no mínimo detalhe e geralmente reproduzida, com uma exatidão que quase sugere obsessão, nas relações com os novos objetos seguintes. (FREUD, Anna, *O Ego e os Mecanismos de Defesa*, 1968, p. 118).

Não é apenas nas relações afetivas e sexuais que existe essa mudança brusca de objeto, o próprio ego passa por fortes mudanças, pois é necessária a criação de novos vínculos, os quais são buscados pelo adolescente junto ao grupo social a que pertence. É nesse momento em que ele desenvolver uma adaptabilidade, pois precisa experimentar para descobrir onde exatamente se encaixa e quer chegar. Em cada um de seus experimentos existe a convicção de que está completamente correto em adotar esta maneira de comportar-se, e de que só existe uma verdade única e real, que é essa decidida por ele naquele exato no momento. Essa convicção segue por cada um de seus novos objetos, e por cada uma dessas novas verdades. Como pode ser observado na passagem da autora, reproduzida a seguir:

A variabilidade dos jovens é um lugar-comum. Em sua caligrafia, modo de falar, maneira de pentear, de vestir e todas as espécies de hábitos, são muitíssimos mais adaptáveis do que em qualquer outro período da vida. Muitas vezes, um simples relance nos dirá quem é o amigo mais velho que esse adolescente admira. Mas sua capacidade de mudança vai ainda mais longe. A filosofia da vida, religião e política do adolescente altera-se à medida que ele transita de um modelo para outro; e, seja qual for a frequência dessas mudanças, estará sempre convencido, de um modo firme e apaixonado, da justeza e retidão dos pontos de vista que avidamente adotou. (FREUD, Anna. *O Ego e os Mecanismos de Defesa*, 1968, p. 118).

Para Anna Freud, portanto, a fase da adolescência se parece com a situação de pacientes em estado psicóticos em muitos aspectos, sendo um deles estas mudanças repentinas de identidade, pois o ponto de partida tanto para a neurose quanto para a psicose é caracterizado exatamente por esse aumento

libidinal. Outro aspecto que faz com que ambas as situações se pareçam muito é a necessidade emergencial de criar atitudes defensivas contra a força das pulsões. Anna Freud reconhece também que a puberdade é um processo dinâmico e essas mudanças repentinas são totalmente resultantes das descobertas e necessárias para o amadurecimento da sua identidade e para o seu autoconhecimento.

4. Conclusão

Desde a infância até a chegada da adolescência, o ser humano passa por muitas fases de desenvolvimento sexual e psíquico, cada qual com a sua importância e consequência na vida adulta. É preciso entender que, de acordo com a teoria psicanalítica freudiana, cada uma dessas fases é retida e guardada no inconsciente, de modo que, mesmo na vida adulta, os indivíduos são caracterizados pelo prazer das mesmas zonas erógenas excitadas na fase pré-genital, como o que foi reprimido durante o período de latência, que segue reprimido, e como levam consigo o complexo de Édipo para sempre.

Mesmo quem conseguiu evitar a fixação incestuosa da libido não escapa inteiramente à sua influência. Uma nítida ressonância dessa fase de desenvolvimento ocorre quando a primeira paixão séria de um homem jovem - algo frequente - é uma mulher madura, e a de uma garota é um homem mais velho e possuidor de autoridade, que são capazes de reavivar neles a imagem da mãe e do pai, respectivamente. Em geral, a escolha do objeto se faz apoiando-se mais livremente nesses modelos. (FREUD, S. *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade*, 1905, p. 151).

Segundo Freud, na adolescência, que é onde o corpo fica fisiologicamente pronto para a vida adulta e para as funções reprodutivas, e muito mais ocorre nesses processos que foram descritos pela psicanálise. O retorno da fase edipiana e o empenho de todas as forças do superego para reprimi-la, revelariam que ocorre uma batalha dentro dos adolescentes. Neles atuam tanto barreiras repressivas totalmente ativas quanto todos os mecanismos de defesa internos. No entanto, quando esses mecanismos chegam ao seu objetivo, isto é, quando o complexo de Édipo é devidamente reprimido, é quando o adolescente pode encontrar em sua psique uma relação mais equilibrada entre seu ego, superego e id.

A existência de sintomas neuróticos indica-nos que o ego foi sobrepujado e cada retorno de impulsos recalçados, com seu reflexo na formação de compromisso, mostra que um certo plano de defesa abortou e o ego sofreu uma derrota. Mas o ego sai vencedor, quando as suas medidas defensivas atingem seus propósitos, isto é, quando

habilitam o ego a restringir o desenvolvimento de angústia e “dor”, transformando as pulsões de modo que, mesmo em circunstâncias difíceis, uma certa medida de gratificação seja obtida (FREUD, Anna. *O Ego e os Mecanismos de Defesa*, 1968, p. 124).

A entrada para a sociedade, a busca pela identidade baseada nos pais, o amor e o ódio por eles e enfim, o mais doloroso de todos, ter que abandoná-los junto com o seu amor. É um longo e tortuoso caminho que o adolescente perfaz para que consiga ser feliz sem seus pais, sem a aprovação deles, e principalmente sem o amor deles.

A observância dessa barreira (contra o incesto) é, antes de tudo, uma exigência cultural da sociedade, que tem de defender-se contra a absorção, pela família, dos interesses de que necessita para produzir unidades sociais mais elevadas, e por isso atua, com todos os meios, no sentido de afrouxar em cada indivíduo, especialmente no jovem, os laços com a família, que eram os únicos decisivos na infância. (FREUD, S. *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade*, 1905, p. 147).

Apesar da batalha interna pela qual os adolescentes estão passando, da relação muitas vezes ambígua com os pais, e mesmo que haja a resolução do complexo de Édipo, os adolescentes aprendem todas as noções de moral pelos pais, e o que eles se tornarem na fase adulta será um produto dessa relação. Com isso, entendemos que a contribuição da psicanálise no tratamento das dificuldades intrínsecas das fases da adolescência e puberdade visavam explicitar como a psique lida com a relação parental e como esta é determinante na formação da identidade dos adolescentes.

Referências Bibliográficas

- FREUD, Anna. *O Ego e os mecanismos de defesa*. Rio de Janeiro: BUP, 1968 (originalmente publicado em 1936).
- FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Organização de J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, 24 vols. (abreviado OC).
- “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), in: _____. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, in: OC, vol. 7, pp. 163-95.
 - “A dinâmica da transferência” (1912), in: _____. *O caso de Schreber e artigos sobre técnica*, in: OC, vol. 12, pp. 107-120.
 - *Totem e Tabu* (1913), in: OC, vol. 13, pp. 11-125.
 - “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914), in: _____. *A história do movimento psicanalítico*, in: OC, vol. 14, pp. 75-109.
 - “Os instintos e suas vicissitudes” (1915), in: _____. *A história do movimento psicanalítico*, in: OC, pp. 115-144.
 - “Conferência XXVI: A teoria da libido e o narcisismo” (1917), in: _____. *Conferências introdutórias sobre psicanálise*, in: OC, vol. 16, pp. 413-431.
 - *O Ego e o Id* (1923), in: OC, vol. 19, pp. 13-72.
 - “A dissolução do Complexo de Édipo” (1924), in: OC, vol. 19.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas*, Vol. 6: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu*. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- KAUFMANN, Pierre (dir.). *Dicionário enciclopédico de psicanálise. O legado de Freud e Lacan*. Trad. de V. Ribeiro, M. L. X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- LAPLANCHE, Jean – PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. Trad. de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, [1982] 2004.
- MEZAN, R. *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

- MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.
- SÉDAT, Jacques. *Compreender Freud*. Trad. de R. Chambel. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2008.
- VIOLA, Daniela T. D. – VORCARO, Ângela M. R. “Latência, adolescência e saber”, *Estilos da clínica*, São Paulo, vol. 18, n. 3, set./dez. 2013, pp. 461-476.
- WOLLHEIM, Richard. *As ideias de Freud*. Trad. de Á. Cabral. São Paulo: Cultrix, Edusp, 1974.